UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAQUEL MONTEIRO LIMA

A INFLUÊNCIA DAS REVISTAS (FON FON E O CRUZEIRO) NO ENGAJAMENTO DAS MULHERES DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2025.2

RAQUEL MONTEIRO LIMA

A INFLUÊNCIA DAS REVISTAS (FON FON E O CRUZEIRO) NO ENGAJAMENTO DAS MULHERES DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a orientação do Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2025.2

RESUMO

O presente artigo visa entender como os anúncios das revistas Fon Fon e O Cruzeiro, os periódicos mais consumidos no Sudeste brasileiro durante o período da II Guerra Mundial, influenciaram as mulheres a se voluntariarem para a guerra ou a ficar em casa (no seu mundo privado) cumprindo o seu dever de "esposa recatada e do lar" e porque, analisando que isso acontece devido a uma ampla rede de relações de poder que incluem a ideologia e o discurso. Para tanto, vale-se, conceitua e metodologicamente de pesquisas desenvolvidas por Michelle Perrot, Rosiska Oliveira, Chimamanda Ngozi Adichie, Norman Fairclough e afora autores que tratam do impresso como fonte histórica para a compreensão de práticas culturais de uma época.

Palavras-chaves: II Guerra Mundial – Mulheres – Impressos.

SUMMARY

This article aims to understand how advertisements in the magazines Fon Fon and O Cruzeiro, the most widely consumed periodicals in southeastern Brazil during World War II, influenced women either to volunteer for the war or to remain at home (in their private sphere), fulfilling their duty as "modest housewives," and why this occurs, considering that it results from a broad network of power relations that include ideology and discourse. To this end, it draws conceptually and methodologically on research developed by Michelle Perrot, Rosiska Oliveira, Chimamanda Ngozi Adichie, Norman Fairclough, among other authors who approach print media as a historical source for understanding the cultural practices of a given period.

Keywords: World War II – Women – Printed media.

RESUMÉN

El presente artículo tiene como objetivo comprender cómo los anuncios de las revistas Fon Fon y O Cruzeiro, los periódicos más consumidos en el sudeste brasileño durante el período de la Segunda Guerra Mundial, influyeron en las mujeres para que se ofrecieran como voluntarias para la guerra o permanecieran en casa (en su mundo privado), cumpliendo su deber de "esposa recatada y del hogar", y por qué esto ocurre, considerando que es resultado de una amplia red de relaciones de poder que incluyen la ideología y el discurso. Para ello, se apoya conceptual y metodológicamente en investigaciones desarrolladas por Michelle Perrot, Rosiska Oliveira, Chimamanda Ngozi Adichie y Norman Fairclough, entre otros autores que abordan la prensa como fuente histórica para la comprensión de las prácticas culturales de una época.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial – Mujeres – Impresos.

Sumário

APRESENTAÇÃO 4

1. Os Impressos na História 7

2. A História do Brasil nas Revistas Fon Fon e O Cruzeiro 10

3. As Mulheres na Segunda Guerra Mundial nas páginas das revistas Fon Fon e O Cruzeiro..... 14

Considerações Finais 23

Fontes e Bibliografias..... 25

APRESENTAÇÃO

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um confronto bélico que deu continuidade aos resultados da Primeira Guerra Mundial. Trata-se de conflito entre dois grupos principais que foram denominados: Aliados (Estados Unidos, França e Reino Unido) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão), porém teve a participação de vários países do mundo. Foi um conflito violento e ideológico. Foi um dos confrontos mais destrutivos da humanidade, foram em torno de 60 milhões de vidas ceifadas entres militares e civis, sem falar nas sequelas que foram deixadas para os que ficaram. Foram vários locais de fronts, holocaustos, preconceito, discriminação e disseminação de ódio.

A Alemanha não estava satisfeita com os resultados da Primeira Guerra, ela saiu perdedora, teve que pedir dinheiro emprestado a outros países que gerou uma dívida grande para pagar, Então na década de 1930, um regime totalitário se expandiu na Alemanha, o Nazismo, tendo como líder Adolf Hitler, em outas países se expandiu só que com outro nome, a Alemanha implantou holocausto contra os judeus e outras minorias, se juntou com a Itália para lutar contra os Aliados e seus apoiadores.

Aqui no Brasil, também estava sob um regime totalitário, o Estado Novo, implantado pelo Presidente Vargas que aliás era próximo de Hitler. Porém, com a política da Boa Vizinhança que os Estados Unidos estava implantando para cortar qualquer aproximação da América Latina com a Alemanha, para isso utilizou muito da cultura, para o Brasil criou o personagem brasileiro da Disney Zé Carioca e a turnê de Carmem Miranda nos Estados Unidos, com essa atenção que os EUA estava dispensando ao Brasil e o acontecimento do torpedeamento dos navios mercantes na costa brasileira em Sergipe em 1942, o presidente sofreu pressão popular e de políticos para se unir aos Aliados e assim rompeu as relações com o Eixo. Assim o Brasil entra na guerra cria um exército à parte, a FEB (Força Expedicionária Brasileira).

Até agora, apenas nomes de homens foram citados, a história até hoje em dia é muito masculina, nos últimos anos teve uma abertura maior com a história das mulheres, porém uma história escrita por homens e sobre os homens ainda é maioria.

As mulheres sempre foram invisibilizadas ou legadas ao espaço privado e foram representadas assim desde a pré-história com as pinturas rupestres ou com o advento da escrita nos textos e com o surgimento da mídia nos diversos meios de comunicação.

Desde sempre a sociedade brasileira por preconceito, sempre imprimiu a divisão por gênero, o papel sexual, como destacou a jornalista Rosiska oliveira em seu livro “Elogio da diferença: o feminino emergente”, “A sociedade é então “dividida” em dois espaços distintos, como consequência da desigualdade e discriminação entre os sexos”. Essa divisão começa a ser implementada desde o nascimento do indivíduo em “coisas de menina” e “coisas de menino”, por exemplo: as roupas das meninas são rosa e os brinquedos são panelinhas ou bonecas bebês e meninos usam azul e os brinquedos são carrinhos, bonecos de heróis ou policiais. Desse modo, direcionando a mulher a esfera da vida privada.

As revistas mais populares entre as mulheres no Brasil na época da II Segunda Guerra eram a *Fon Fon* e *O Cruzeiro* representavam as mulheres assim, a mulher, “a esposa recatada e do lar”, as páginas dessas revistas eram repletas de anúncios de produtos para rejuvenescimento da pele, cintas modeladoras, roupas e sapatos da moda, eletrodomésticos, receitas de culinária, dicas como cuidar da casa, marido e filhos, a mulher sempre paciente sem precisar levantar a voz, toda essa propaganda e representação era fruto da ideologia da sociedade da época e consequentemente, dos editorias. Tudo isso mesmo depois do que aconteceu na Revolução Industrial, na qual um número de mulheres começou a trabalhar nas indústrias e com a eclosão da primeira guerra mundial, esse número aumentou, pois com a quantidade de homens que precisavam entrar no exército, as fábricas perdiam seus funcionários então contratavam as mulheres para a produção.

Contudo, a partir de 1942 a partir de uma mudança no comportamento do Governo Brasileiro as revistas passaram a mostrar um pouco mais do que estava acontecendo na guerra, nas suas edições. Nesse sentido, a primeira dama Darcy Vargas decide criar a LBA (Legião Brasileira de Assistência) um exército voluntário de enfermeiras brasileiras para separar e enviar os suprimentos e cuidar dos soldados feridos nos hospitais de guerra na Itália e as revistas tiveram que mostrar que havia esse recrutamento e que as mulheres poderiam trabalhar na guerra.

Diante disso, este artigo se propõe a discutir como as mulheres foram motivadas ou não pelas revistas *Fon Fon* e *O Cruzeiro* a se dedicar na empreitada de ser enfermeiras nos hospitais de guerra nos anos 1942-1945, na época que o Brasil entrou de fato na Segunda Guerra Mundial, e como que o discurso e suas imagens se alinhavam para as motivarem as tarefas domésticas ou a vida militar.

O tema do presente artigo nasceu do interesse em entender como as mulheres brasileiras eram influenciadas pelas revistas na sua vida doméstica e militar durante a Segunda Guerra Mundial. Esse interesse nasceu desde antes da faculdade, a partir da leitura de um livro chamado “Os mitos da segunda Guerra Mundial”. Nele, contempla um capítulo “A Segunda Guerra Mundial, um assunto de homens”, que demonstra que isso é mito que a Segunda Guerra teve sim muita participação feminina em todas as áreas. Daí em diante, o interesse foi se ampliando, ainda com a mesma temática, só que mudando a fonte, que seriam as revistas.

O interesse agora foi é de saber como as revistas influenciavam no engajamento da mulher na Segunda Guerra Mundial. Assim sendo, esse artigo tem relevância científica e acadêmica, pois, é um tema que debate várias ideologias sobre um período histórico muito importante, com uma relevância social já que fala de uma parte do tecido social muito importante que são as mulheres que ainda são minoria na sociedade brasileira e que ainda tem alguns dos seus direitos invisibilizados, tem viabilidade já que as revistas usadas como fontes são encontrados e de fácil acesso, no site da Hemeroteca Nacional Digital, que é a biblioteca nacional digitalizada e também o tema é pertinente, pois, isso mostra que as mulheres lutam pelo direito de ocupar outros espaços fora do lar há muito tempo, o que contribui para as mulheres hoje ter alguns direitos. Outrossim, observar como as revistas se utilizam de várias formas de influenciar as mulheres, como por exemplo, com o uso do discurso, influenciando o comportamento das leitoras para o fim que a política da revista queria.

A pesquisa fundamenta-se principalmente nas revistas digitalizadas Fon Fon e O Cruzeiro. Ademais, utilizou conceitos trabalhados por Michelle Perrot em seus livros: Os excluídos da história (1988), As mulheres ou os silêncios da história (2005), Minha história das mulheres (2007). Norman Farclough no seu livro Discurso e mudança social (1992), Chimamanda, em seus livros: Sejamos todos feministas (2015), O Perigo de uma história única (2019). Tânia Regina de Luca, no capítulo: História dos, nos e por meio dos periódicos, do Livro Fontes históricas (2005).

A metodologia consistirá na pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos, periódicos e Internet. Com enfoque nas revistas, articulando os conceitos de gênero, discurso, ideologia e relações de poder, buscando entender os motivos do incentivo ou falta dele pelas revistas para as mulheres se alistarem para a guerra.

Diante do exposto, este artigo será organizado em três partes: Na primeira parte: Os impressos na história, na qual será discutido, conceitualmente e metodologicamente o uso dos impressos na pesquisa histórica, dedicando especialmente às revistas/periódicos. Na segunda parte, A História do Brasil nas Revistas Fon Fon e O Cruzeiro, será feito um breve histórico de cada revista (Fon Fon e O Cruzeiro), demonstrando que para além de terem sido periódicos que informavam e divertiam, também faziam o registro da História do Brasil, tudo isto também era feito para atender a uma ideologia da época. Na terceira parte, As Mulheres na Segunda Guerra Mundial nas páginas das revistas Fon Fon e O Cruzeiro, a partir da análise das fontes será mostrado, como essas revistas retravam as mulheres, de modo especial, no contexto da II Guerra Mundial e como elas influenciavam ou não as mesmas a se voluntariar para trabalhar na guerra.

Parte 1- Os impressos na História

O jornal é uma publicação periódica, normalmente, diária que contém notícias, artigos, anúncios e outros tipos de informação, ou seja, um registro diário de acontecimentos de um determinado local. Os periódicos chegaram ao Brasil junto com a família real portuguesa, sendo lançados somente em 1812. Antes dessa data, era expressamente proibido livros estrangeiros, jornais, para não correr o risco de ideologias variadas fossem disseminadas no país. No entanto, em 1824 na primeira Constituição brasileira, em seu artigo 179, inciso IV está escrito:

> Todos podem comunicar os seus pensamentos, por palavras, por escriptos, e publica-los pela Imprensa, sem dependência de censura; com tanto que hajam de responder pelos abusos, que cometerem no exercício deste Direito, nos casos, e pela fórma, que a Lei determinar.

No entanto, a imprensa tinha restrições, nessa mesma Constituição diz que o Estado é Laico, só que não se podia falar contra a doutrina Católica, "*Quem abusar da liberdade de imprensa contra a moral cristã ou bons costumes, será condenado em seis meses de prisão e multa de 50$000*". Nesse ínterim, percebe-se que desde a chegada da imprensa no Brasil ela já sofre com a censura.

Além disso, como em todo lugar, existem pessoas com ideais distintos, nos editorias não é diferente, os jornais/revistas ainda têm que seguir a linha de quem os

financiam/patrocinam e cativar o público leitor, tornando-se, assim, grandes jogos de interesses, o que prejudica a veracidade de informação prestada aos cidadãos.

Os tipos de discursos começaram a ser explorados para que cativassem o público e talvez os "doutrinasse". É preciso perceber que dependia da linha de pensamento do editorial, nem sempre será assim, mas é importante saber para não cair em armadilhas e saber utilizar essa fonte na pesquisa histórica.

As revistas também chegaram ao Brasil na mesma época dos jornais e elas vieram com um diferencial do jornal o uso de ilustrações, que as tornavam mais atrativas para o púbico leitor, atraindo também as mulheres pelas imagens e também pelo conteúdo que era diversificado, não tratava apenas de notícias que elas não entendiam e muitas das vezes não lhe eram permitidas a compreender.

> Os novos métodos fotoquímicos permitiram que a ilustração se incorporasse aos diários, o que, de acordo com Herman Lima, ''trouxe para o jornalismo uma nota leve, espirituosa e atraente, a quebrar a monotonia das grandes folhas onde a matéria impressa se estendia, em artigos de fundo, crônicas, sueltos e noticiários, em colunas maciças de texto. (DE LUCA, 2005, p.138)

Dessa forma, a notícia era entregue com mais fluidez, de uma forma atrativa e diversos outros assuntos além de política e economia eram tratados, como: cultura, arte e beleza. No século XX, as revistas se tornaram populares entre a população de classe média alfabetizada do país, por conta dos seus assuntos variados, catálogos e anúncios de apresentações culturais.

Com uma maior abertura de variedades tanto em jornais como revistas começou-se a pensar se esses materiais seriam boas fontes para serem utilizados na pesquisa histórica. Porém, por muitos historiadores havia uma dúvida se poderia usar. Os pesquisadores assumiam duas posturas distintas: Os que acreditavam que era fonte muita rica, cheia de verdades e outros que não acreditavam em ser uma fonte confiável.

Segundo o historiador Rafael Saraiva: "*Apenas na terceira geração dos Annales, com o fortalecimento da História Cultural pós-movimentos de maio de 1968, que o quadro da historiografia brasileira passa por alterações em sua relação com o jornal como documento-fonte*." A terceira geração dos Annales veio para mostrar a importância do trabalho investigativo do historiador nos diversos tipos de fontes, tudo pode ser usado, a interdisciplinaridade é importante para ter ampla visão do objeto de pesquisa.

Faz parte dessa investigação também a análise do discurso. Pela influência da Escola dos Annales e a análise do discurso os historiadores podem fazer a sua pesquisa criticamente, sabendo que "*o discurso subjaz a uma ideologia*" (KOCH, 2002, p.17).

A análise do discurso visa entender e compreender um texto e ver como ele se articula com a história, dessa forma pode se enxergar a interdisciplinaridade a linguística junta com a história, a linguística andando de mãos dadas com os outros objetos do conhecimento.

A análise do discurso criada por pesquisadores franceses tendo contribuição dos Annales, nos auxilia a entender como todos os tipos de discursos, podendo ser conversas, textos, mensagens de texto ou até imagens, qual a era verdadeira intenção do seu autor e a partir disso fazer uma pesquisa.

A análise pode ser examinada por dois métodos:

- Estruturalismo: é uma análise que examina a estrutura e as formas de linguagem, descrevendo as regras gramaticais de um determinado texto.
- Sociolinguística: Estuda a parte social da linguagem, podendo ser encontrado as relações de poder, estereótipos e identidade.

A análise é de suma importância, é um aporte teórico metodológico, já que aqui vai está destrinchando de forma diligente o texto, o pesquisador tem que ir além do óbvio na sua pesquisa e com essa análise ele pode fazer, ler/escutar, observar, separar, entender o motivo do autor e a necessidade do leitor para tal discurso está sendo proferido.

A análise é rigorosa, utiliza-se um método teórico-metodológico, entendendo o corpus da pesquisa, os seus objetivos, observar em qual período está inserida a sua fonte. Em seguida, se faz as perguntas: Sobre quem disse?, O que disse?, Como disse?, Em que circunstância?. Assim, o pesquisador saberá qual é a imagem que o autor tem sobre a situação, a concepção que ele tem sobre, e como estão as relações de poder. Depois, se estuda como se construí os discursos, circulação dele e como foi feita a leitura por quem os recebeu, como eles pensaram como fazer as pessoas ler da forma que eles queriam. Tudo isso faz parte da análise do discurso.

Portanto, o uso de revistas e jornais é feito de forma minuciosa e crítica, coletando as informações do cotidiano daquela época, tentando entender o estabelecimento de algumas regras do período, como essas fontes utilizavam a linguística, para influenciar a sociedade para o que eles queriam e como eles estudavam qual melhor tipo de linguagem e imagens, qual seria a melhor organização desses

periódicos (desde a escolha da capa aos textos), e como deviam adequar de acordo com o tempo para sempre chegar ao fim que os editoriais almejavam.

É importante destacar, a importância da Biblioteca Nacional Digital, para o empreendimento das pesquisas com os impressos, já que sem ela seria mais difícil e quiçá impossível esse trabalho, já que encontrar essas revistas ou jornais seria um trabalho a parte e teria que procurar quem no país tem esses documentos guardados. E na Biblioteca tem esses impressos com boa resolução de imagem, divididos por períodos de tempo, e pode ser feitas pesquisa por palavras chaves, porém, nem todas as edições estão disponíveis, mas são poucas indisponíveis, então é um problema mínimo, porque mesmo assim, o acervo da biblioteca é gigantesco. O lado negativo é como a historiadora Tânia De Luca fez a sua crítica, que o os impressos digitalizados, o pesquisador perde a dimensão física da fonte, cheiro, cor, tipo de papel e encadernação, que também são bons elementos para a pesquisa. "Isso porque a imagem não permite saber as dimensões da página, problema que poderia ser resolvido com a colocação de uma simples régua no processo de digitalização; tampouco a qualidade e espessura do papel; a cor, quando se decide realizar a transposição em preto e branco;" (DE LUCA, 2024, p. 201).

No entanto, apesar de tudo essa disponibilidade no digital é muito boa, já que o acesso é livre a todos, e o cuidado dos bibliotecários da Hemeroteca Nacional com a fonte é notória, e eles entregam com ótima qualidade de imagem como vai ser podido observar em algumas das revistas Fon Fon e Cruzeiro na parte 3 deste artigo.

O historiador com o olhar atento consegue observar essas diferenças sem preconceitos e estudá-las e empreender cada vez mais estudos das sociedades passadas com essas fontes, e o melhor é que tem um grande número de volumes e edições desses periódicos disponíveis para o historiador empreender as suas pesquisas históricas.

Parte 2 – A História do Brasil nas Revistas Fon Fon e O Cruzeiro

As revistas Fon Fon e O Cruzeiro foram periódicos que nasceram no início do século XX, ambas trazendo um novo olhar para a comunicação brasileira. Elas foram muito consumidas, predominantemente, pela população do Sudeste do Brasil, mas também por outros Estados. Apesar de estrearem em anos relativamente próximos, elas geralmente não abordavam o mesmo tema.

A seguir, farei um breve histórico sobre elas e tratarei dos respectivos temas.

A Revista **Fon Fon** foi criada por Jorge Schmidt e fundada na cidade do Rio de Janeiro em 13 de abril de 1907. O fundador lançou a Fon Fon porque queria uma publicação mais rápida e rentável. O nome do semanário – onomatopeia do som da buzina dos automóveis – foi ideia do cartunista e poeta Emílio de Meneses. Quando fundada, a revista tinha como personagem principal um chofer chamado Fon Fon, o que reforçava a ideia de uma publicação fortemente identificada com os valores da modernidade, a buzina e o chofer traziam esse aspecto já que eram características dos carros recém chegados ao Brasil, era como se a buzina chamasse a atenção do leitor para olhar esse mundo novo e o chofer convidando-o a entrar e segurava a mão do leitor para entrar nesse novo mundo. Além disso, esse periódico tinha um subtítulo "semanário politico, alegre e esfuziante", que já identificava de que temas a revista ia tratar.

No entanto, como qualquer coisa da vida passa por fases, até mesmo o Brasil durante o período de publicação dessa revista passou por diferentes momentos Poderíamos dividir a revista em 3 fases:

Início e Bella-Époque (1907-1930): A revista nasceu com o conceito de modernização na comunicação, com uso de ilustrações, começou falando do cotidiano da população, como que as capitais do país, principalmente a capital do Brasil se modernizava e precisava se modernizar aos moldes europeus, principalmente da França que estava no seu apogeu, se tornando assim a Bella-Époque brasileira, quando se referiam a esse tema utilizavam muitas palavras francesas. Mas também, abordaram alguns fatos históricos nacionais, como a população lidava com a abolição da escravidão, como eram as comemorações desse dia na época, eleições, além de trazer fofocas, sátiras e muitas caricaturas.

Na fase da Era Vargas (1930–1945): a partir dos anos de 30 com o cenário não apenas nacional, mas internacional mais autoritário, a revista começou a tratar do universo privado da mulher. A partir dessa década começou a abordar mais o universo da estética, da vida doméstica da mulher.

Ainda mais porque nessa época o Brasil estava sobre o regime ditatorial de Getúlio Vargas que criou o DIP (Departamento de Impressa e Propaganda) para regular o que saía na impressa, então nessa época tinha que mostrar a mulher "recatada e do lar'' (como se fosse o único espaço que ela pudesse ocupar), então a revista mostrava um universo em que a mulher pensava nos deveres de casa e o de se mostrar bela para a

sociedade, também mostrava conselhos maternos, ainda tinha a seção de culinária e seção de eletrodomésticos.

Ademais, por conta da DIP na época da Segunda Guerra Mundial, a revista se alinhou as ideologias do governo exaltando o orgulho nacional e espírito guerreiro brasileiro. Nesse período eles encorajavam as mulheres a entrarem nas ligas de assistência, fazendo e separando as doações que recebiam para enviar para os hospitais de guerra. Para dar um ar mais sério e importante da revista na Segunda Guerra, nesse periódico se utilizou do fotojornalismo (fotografias e reportagens) no lugar das suas ilustrações e caricaturas, para informar como estava a guerra, do que precisam os soldados e expor sobre as atrocidades que os inimigos faziam.

Então a partir dessa época a Fon Fon foi introduzindo cada vez mais matérias para as mulheres até a sua extinção.

Declínio e fim (1945-1958): Após a Era Vargas, a revista tentou dá um novo segmento mas não conseguiu e chegou ao fim em 1958.

A revista **O Cruzeiro** foi fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928. O Cruzeiro foi um projeto do jornalista português Carlos Malheiro Dias, que buscava emitir uma revista de circulação nacional, criando assim, a Empresa Gráfica Cruzeiro S.A. Não tendo recursos para colocar em prática seu projeto, passou o controle da empresa para o jornalista e empresário Assis Chateaubriand. Através de um empréstimo fornecido pelo Banco da Província, de propriedade de Antônio Mostardeiros (presidente do Banco do Brasil) e intermediado pelo ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, Chateaubriand conseguiu assim lançar o primeiro número.

Em sua capa estava estampado o rosto de uma mulher sobre o qual foram colocadas as cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul. Seu nome foi inspirado, segundo o editorial, tanto na constelação, como na nova moeda “em que ressuscitará a circulação do ouro”. Apresentando-se como “a mais moderna revista brasileira’’ e, portanto, a revista pretendia ser “o documento registrador, o vasto anúncio ilustrado o filme de cada sete dias de um povo”.

Outrossim, a revista passou por 4 fases: O seu início e consolidação, auge, declínio e primeira interrupção e retomada e encerramento.

Início e Consolidação (1928-1940): falava mais sobre o dia a dia na cidade, poemas e continha algumas ilustrações que não eram muito boas, a revista, ela não tinha

uma equipe boa, então as suas ilustrações tinham esse o mesmo resultado, mas já conseguia captar um público leitor, pois, não tinha muitas revistas que mostrassem ilustrações. Anos depois essa revista seria considerada uma das melhores em fotorreportagens da América Latina.

Auge Nacional (1920-1940): aqui a revista adotou varias faces, as ilustrações deles melhoram muito se tornaram a melhor da América Latina nesse sentido, as fotorreportagens com imagens da natureza brasileira, da "cidade maravilhosa", com a colaboração de autores renomados como Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, que encantavam a todos, além de colunas humorísticas que agradavam a muitos. Ademais, como já foi dito anteriormente o diretor deste editorial era amigo de Getúlio que na década de 30 estava na disputa política presidencial, então pela revista o Assis tentava incentivar a população a ir a comícios de Vargas, mostrava Vargas como um bom candidato. Contudo, quando Vargas se tornou mais rígido instalou uma ditadura no país, o diretor começou a reclamar do presidente e do seu governo na Revista. E assim, a revista sofreu algumas represálias do governo pela DIP. Mesmo assim, nessa época a revista conseguiu fazer trabalhos maravilhosos.

Cobriu a ***II Guerra Mundial*** com muito afinco exaltando a FEB (Força Expedicionária Brasileira), com fotos exclusivas, fazendo fotorreportagens incríveis, utilizou o discurso que o Governo utilizava contra o Eixo tratando os nazistas e fascistas como inimigos (o que fora considerado contraditório por muitos já que o governo e a direção da revista não se davam tão bem como outrora foram), e assim também construíram a imagem do inimigo utilizando as fotos e discurso certos. Também ajudou a divulgar a convocação de mulheres brasileiras para serem enfermeiras na guerra (o que também foi considerado ambíguo, já que o órgão que organizava fora criado pela esposa de Getúlio Vargas, a primeira dama Darcy vagas). A DIP também vigiou isso.

Declínio e crise (1960-1975): Com um número maior de revistas no mercado e com um número maior de meios de comunicações as impressões das edições foram diminuindo. Com o falecimento em 1969 do seu gestor Assis a produção não foi mais a mesma. A partir desse momento, aa revistas falavam um pouco sobre decisões políticas, obras de infraestrutura das cidades, vida das personalidades políticas e celebridades.

Interrupção e breve retorno (1975-1985): em 1975 decidiram encerrar a revista pela primeira vez, em 1979 a revista retornou, mas já não era mais relacionada aos Diários Associados, estava sobre o comando de novos proprietários, mas a produção voltou sem o mesmo vigor de antes e a revista se encerrou em 1985.

Nesse sentido, dá para perceber que o discurso das revistas foi sempre direcionado pelo o que a gestão da revista acreditava e pelo o que o controle do governo aceitava, sempre que mudavam de opinião as matérias da revista mudavam. O discurso movia as revistas, mesmo que por vezes tratassem de temas diferentes, o tema da Segunda Guerra Mundial foi comum a ambas. Portanto, ambas chegaram ao seu fim quando seus gestores ou maiores financiadores faleceram ou também quando outros meios de comunicação, outras modernidades chegaram ao Brasil. Por fim, apesar de tudo essas revistas foram populares por décadas passaram por várias fases da política e economia do país e se sustentaram por um bom tempo.

Capítulo 3 – As Mulheres na Segunda Guerra Mundial nas páginas das revistas Fon Fon e O Cruzeiro

As revistas ficaram bastante populares no Brasil no século XX. Com o tempo, as mulheres passaram a ser a sua grande consumidora. Na sociedade, a mulher sempre foi invisibilizada tendo pouco espaço, ela encontrou nas revistas uma forma de expressar e se identificar com pessoas que pensavam como ela. Podendo explorar os seus gostos ou que julgava importante aprender. Nelas podiam escrever seus próprios textos e crônicas. No entanto, se percebe que a linguagem delas por vezes poderia ser machista.

Dessa maneira, entra o debate: mulher pode ser machista? Sim, pode, o poder e a ideologia da época moldam uma sociedade, o século XX, é um século de transformações sociais, mas como estamos falando em menos da metade desse século pensamentos arcaicos, ainda estavam em alta, uma época em que muitos hormônios masculinos foram espalhados por conta das duas guerras mundiais. Ideias de homens, lutas criadas por homens e "vencidas por eles".

Os editoriais percebendo que trazer a temática feminina seria vantajoso, vendo que uma parte considerada das mulheres urbanas eram letradas, começaram a fazer propagandas de produtos de beleza, eletrodomésticos, de remédios, espaço para culinária e a vida doméstica, sempre colocando a mulher no espaço privado.

E assim, o Governo Federal percebendo também essa abertura, começou a chamar as mulheres para auxiliarem na guerra na *Liga Brasileira de Assistência*.

As revistas *Fon Fon* e o *Cruzeiro* tratavam da Segunda Guerra nas suas páginas, porém, a *O Cruzeiro* destacou mais os enfretamentos em batalhas com suas fotorreportagens e o ingresso da mulher na guerra.

Apesar de essas revistas estarem circulando no Brasil na época da Segunda Guerra, percebe-se também a diferença das duas ao tratar desse assunto, o discurso, o quantitativo de páginas e imagens sobre o conflito. Nas duas, vê-se que mesmo em quando tentava exaltar a mulher e encorajar ir para a guerra, usava-se palavras que às vezes as diminuíam.

Logo, ao analisar as revistas podemos notar semelhanças e diferenças, entre as edições de ambas. De diferença temos: na capa podemos ver que todas as edições da *Fon Fon* sempre têm uma mulher com um look sensação do período que poderiam ser uma roupa casual ou de gala ou uma criança. A partir disso, já pode se pode perceber que a revista se destina as mulheres, e sua vida privada. Em contrapartida, *O Cruzeiro* separava as revistas para modas e guerras, sempre na capa tinha uma mulher trajada com o uniforme de guerra ou com a bandeira ou mapa do Brasil mostrando o patriotismo das brasileiras.

De semelhança: as revistas têm em média 60 páginas, eles colocavam poucas páginas falando sobre a guerra, apesar de O Cruzeiro trazer mais páginas, ainda é relativamente pouco. As páginas que traziam tais notícias, não eram páginas seguidas ou completas, por vezes a página era divida com o anúncio de alguma roupa ou de como cuidar do seu filho.

Não se dava foco integralmente a esses fatos, mas podemos encontrar notícias quando falaram de alguma turma de mulheres que se formaram como enfermeiras para a guerra, ativas nos esforços de guerra, se alistando.

Iremos agora observar tais imagens:

FON FON

Com essas imagens do mês de agosto do ano de 1942, na edição 00035, podemos comprovar o que foi dito anteriormente sobre a capa dessa revista ser direcionada para a moda. A imagem ao lado é um texto escrito por uma mulher chamada Adriana Castelar, o título é: A política e o lar. Esse texto fala que um grupo de mulheres está querendo participar ativamente da política aqui no Brasil, como em outros países aconteceu, só que autora diz que não considerava viável já que quando homens discutem sobre política nas suas casas esquecem o respeito, exaltam-se e o lar perde paz e se a mulher participar dessas conversas, o ponto de equilíbrio da paz casa será arruinado.

Frases escritas por ela:

"*Tenho porém para mim, nada lucraria a nação pois se uma metade do gênero humano perturba com essas questões a tranquilidade universal que não sucederia que dela participassem as duas metades*."

"*Imagine o que poderá acontecer nos lares quando esses direitos forem distribuídos por partes iguais e a mulheres terem condições de atiçar fogueira com nossa lenha.*"

Na conclusão do texto diz:

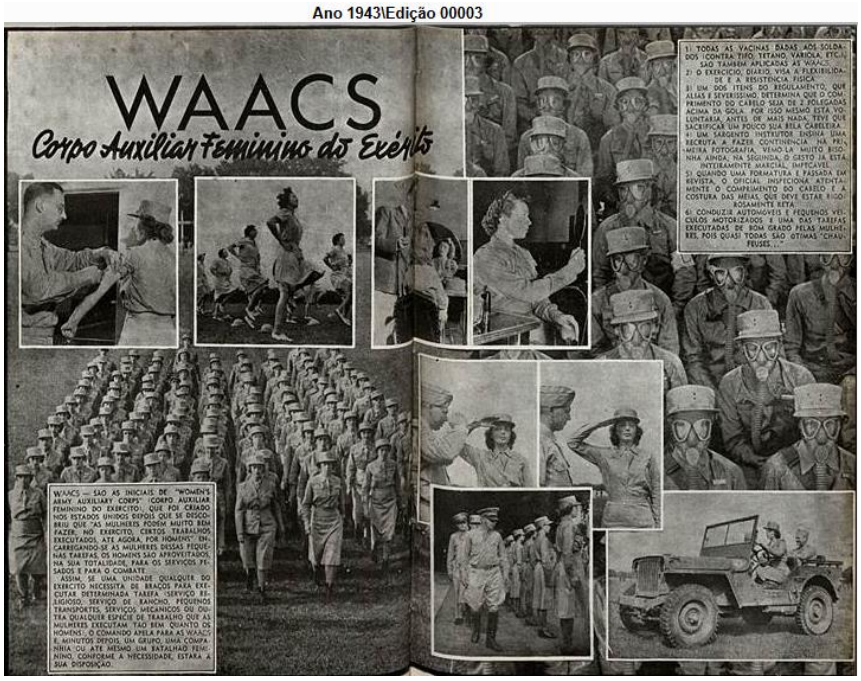
"*Não será melhor deixarmos reservada a mulher a tarefa de tecer com dolçura inata, seu amor e sua graça para procurar a paz e a concórdia nos lares. Tenho para mim, que diante disso depende grande parte da paz do mundo*."

Dessa maneira, a autora concorda que existe um espaço definido para a mulher que ela não deve ultrapassar, o lar, o privado, e isso era tratado com bastante rigor na época. Como disse Michelle Perrot: Sem dúvida, os papéis sexuais foram definidos com maior rigor normativo e explicativo.

Nesta página do mesmo ano das imagens anteriores, só que do mês de dezembro e edição 00051, mostra uma cerimônia de formatura de novas enfermeiras socorristas, aqui mostra que a mulher podia ocupar um lugar fora do lar, mas a revista vai está sempre nessa dualidade, pois em sua própria capa mostra que é uma revista de modas.

Ano 1943\Edição 00003

Ano 1943\Edição 00003



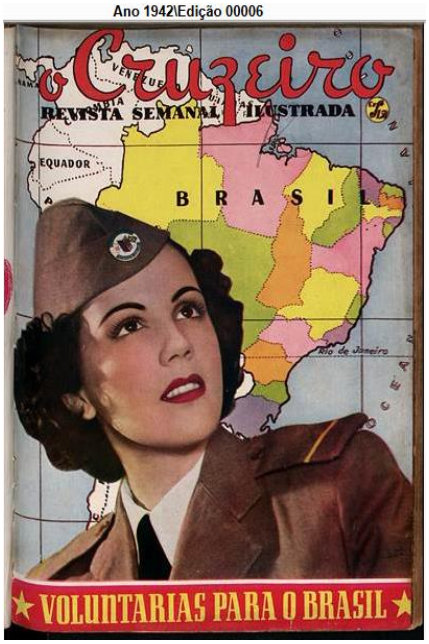
Nesta página da edição 00003, do mês de janeiro do ano de 1943, a *Fon Fon*, mostra os esforços do corpo auxiliar feminino do exército norte-americano (WAACS), já que de fato nesse ano o Brasil já tinha entrado na guerra e a DIP vigiava o que circulava na imprensa e o governo do Presidente Vargas apoiavam as mulheres irem

para a guerra, a revista tinha que mostrar como forma de exemplo quais seriam as atividades comum que as mulheres brasileiras teriam que fazer ao assumir o posto no exército como: tomar as vacinas necessárias, saber bater continência aos seus superiores, dirigir e consertar os automóveis. Do ponto de vista das imagens, tem certa influência positiva, porém, o texto é tendencioso machista. Tem uma frase: "*As mulheres podem muito fazer, no exército, certos trabalhos executados, até agora por homens*". Até aí tudo bem está exaltando a mulher.

"*Encarregando as mulheres nessas tarefas, os homens são aproveitados, na sua totalidade, para os serviços pesados e para o combate*." Aqui mostra que o homem está perdendo tempo fazendo serviços considerados pequenos, eles tinham que fazer exercícios pesados porque tem força, o que as mulheres não têm.

O Cruzeiro

A partir dela dá para perceber, que ela estava mais engajada no alistamento das mulheres. Isso tem um motivo Getúlio Vargas sempre esteve envolvido com essa revista desde a sua fundação, e com a DIP também criada pelo seu governo, contribuindo para que a imprensa veiculasse mais notícias sobre a guerra e a convocação das mulheres para a guerra.



A capa desta edição 00006, do mês de dezembro do ano 1942 de já se apresenta diferente da *Fon Fon*, já aparece à mulher vestida do uniforme do exército, com uma frase já dizendo do que iria se tratar essa edição da revista: "*Voluntárias para o Brasil*".

Nessa revista era comum mostrar muitas fotos da guerra. Nas páginas 24 e 25 mostram a revista chamando as mulheres para se voluntariar e mostrando as que já se candidataram para levar "*a guerra do Brasil rumo a Vitória*" como diz o rodapé do texto da página 24 e na página 25 mostra imagens da primeira dama Darcy Vargas (uma figura de peso) ajudando no alistamento das mulheres, conversando com elas, explicando o que iriam fazer.

Ano 1942\Edição 00041

Ano 1942\Edição 00043

Já nas edições 00041 e 00043, ambas de agosto de 1942 da revista, tem uma sessão chamada: Da mulher para a mulher e apresentam um texto escrito por uma mulher chamada Maria Teresa, o nome do texto é: Porque as mulheres são diferentes? Aqui ela mostra as diferenças biológicas entre homens e mulheres e expõe que as mulheres são mais sensíveis que os homens, no entanto, o corpo da mulher é mais suscetível a ter mais fadigas e outras doenças e por isso, certos cargos elas não podem exercer, por exemplos empregos que exigem força como: pilotos de solo, exploradoras e médicas, assim deixando a entender as leitoras que essas atividades elas não tinham capacidade de realizar. E que deviam se alegrar que pelo menos podiam ser mãe, "*E acima de tudo, ela tem, a seu favor a dádiva da procriação como uma compensação maior pela fraqueza do sexo. E para a mulher-mãe isso representa mais do todas as vantagens que o homem tenha sobre ela*."

Esse texto escrito e lido no ano e mês em que o Brasil entrou na Segunda Guerra, poderia fazer com que as mulheres se desestimulassem a servir o Brasil na guerra.

Nas páginas 36 e 37 da mesma edição das primeiras imagens da Cruzeiro que foi mostrada aqui, tem algumas imagens de soldadas canadenses e inglesas, cumprindo com algumas das suas funções como aviadoras e mecânicas, essas fotos e o texto incentivavam as mulheres brasileiras a entrarem na guerra. O princípio do texto diz assim: "*As mãos, outrora, suaves, tornaram-se rudes e calejadas. A mulher luta hoje em dia, nas frentes civis, com o mesmo ardor com que os homens pelejam nas frentes de batalha*." Contudo, como era de costume, essas fotorreportagens estavam dividindo o espaço na página com anúncios de roupas, eletrodomésticos, ou como nessas páginas, sandálias, e cera (creme) rejuvenescedora da pele, parecia uma disputa de quem iria aparecer mais.

Observando as revistas percebe-se que o recurso visual era muito valorizado, as fotorreportagens são de qualidade, mas se comprova quanto essas revistas utilizavam a sua influência para reforçar o estereótipo da "mulher recatada e do lar". Além disso, quando mostravam que a mulher podia exercer papéis que antes só homem exercia era de forma mínima e com textos contraditórios ou porque eram obrigados pelo governo. Como disse a escritora nigeriana Chimamanda: "*A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história*."

Essas características negativas das revistas continuaram até o pós-segunda guerra. Como destacou Michelle Perrot no seu livro, "*Mulheres ou os silêncios da história*": O que surpreende sobre tudo, é o caráter espetacular, mas superficial e provisório, das mudanças ligadas às guerras. Na maior parte do tempo, elas não alteram verdadeiramente os papéis tradicionais dos sexos. Se a mulher trabalha, ela o faz como mãe ou esposa que substitui o soldado; humilde dublê, ela não trabalha para si mesma. Daí o refluxo, de certa maneira "natural" dos pós-guerras, simples retorno à normalidade".

Considerações Finais

Diante disso, o presente artigo teve como objetivo mostrar como as revistas, um meio de comunicação popular da década de 1940, que mesmo que o segmento delas fossem apenas de entretenimento, não era somente isso que faziam, tinha um pano de fundo por trás, para encobrir que os editoriais e os seus autores por meios das publicações, textos e imagens tentavam fazer, as manutenções das relações de poder, utilizando da ideologia para mostrar para as mulheres "onde era o seu lugar na sociedade". Através dessas revistas podemos ver que a tecnologia avançou nessa época, porém, a sociedade era retrograda em alguns pontos, porque existiam pensamentos que acreditavam que o espaço da mulher era o privado ou no máximo as artes, pois para outras profissões elas não tinham mentalidade e força suficientes.

Durante o processo do trabalho tentei demonstrar o quanto as mulheres foram estereotipadas e legada a elas essa história única, um conceito que por muitos era aceito sem maiores questionamentos. Por isso, a história das mulheres deve ser valorizada, porque a história delas é muito mais do que é contada.

Ademais, com um mundo na década de 1940 não vivendo mais a sua "normalidade", já passando pela sua Segunda Guerra Mundial, as mulheres no mundo todo buscaram atuar fora da "normalidade" que lhes era atribuída, tanto pelo próprio sistema industrial que pediam mais funcionários, e o feminino era o disponível no momento, tanto pela mentalidade de uma parte de mulheres, que já frequentavam as universidades ou já tinha concluído o ensino superior e já tinha direito ao voto ou já estavam ocupando algumas profissões como professora, enfermeiras, cientistas e

advogadas e na guerra atuaram em espionagem, decodificação de códigos em mensagens secretas, fronts e enfermeiras nos hospitais de guerra.

Aqui no Brasil com uma primeira dama ativa em movimentos pró-mulheres tivemos o recrutamento de 73 enfermeiras brasileiras (67 do Exército/FEB e 6 da Força Área/FAB), todas elas passaram por um treinamento físico com escaladas, natação e cuidado de feridos em altos riscos, mostrando que sim as mulheres são habilitadas e tem a capacidade de atuar em profissões que exigem força que antes só era atribuídos aos homens.

Nessas revistas tinham um espaço para as mulheres expor suas caricaturas e seus textos, entretanto suas artes tinham tendências machistas, porque a sociedade incrustou isso nas suas mentes e elas acreditavam nessa versão. Além disso, esses periódicos tentavam influenciar as mulheres com discursos, imagens e caricaturas de mulheres usando lindos vestidos e sapatos, cozinhando algo delicioso e servindo ao marido, ou utilizando algum eletrodoméstico. No entanto, como todos na sociedade vivem em uma relação de poder, o Governo tinha mais poder e estava vigiando a imprensa ativamente às revistas começaram a doar algumas páginas dos seus periódicos para falar da guerra e pra influenciar as mulheres a se engajarem para a mesma, isso acontece porque existe uma ampla rede de relações de poder, que tem mais poder influencia o outro.

Destarte, é importante que tudo que for utilizada como fonte histórica seja avaliada de forma ampla observando cada aspecto da época, entendendo a história, analisando o discurso (de forma estruturalista ou sociolinguística), imagens e relações de poder, para o tecido social não acreditar em grandes mentiras e cometer preconceitos e ódio, a informação tem que ser levada com cuidado e a sério porque vidas de uma parte do tecido social estão sendo envolvidas. Espero que essa pesquisa ajude mesmo que modestamente a mostrar o que aconteceu na história e as pessoas ao lerem entendam que isso não pode voltar a se repetir. Diante disso, por conta de lutas e pesquisas como essas as mulheres atualmente tem mais direitos e um amplo leque de possibilidades para a vida e isso também é mostrado nos diversos meios de comunicação. Espero que influências positivas venham para o mundo feminino e que todos possam entender que o lugar da mulher é onde ela quiser!

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

Revistas:

CASTELAR, Adriana. A política e o lar. FON-FON!, Rio de Janeiro, ano 1942, n. 35, p. 64, 29 ago. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=108327. Acesso em: 12 jan. 2026.

FON-FON! Capa. Rio de Janeiro, n. 35, 1942. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=108325. Acesso em: 12 jan. 2026.

FON-FON! Capa. Rio de Janeiro, n. 51, 1942. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=109240. Acesso em: 12 jan. 2026.

Novas enfermeiras socorristas. FON-FON! Rio de Janeiro, ano 1942 , n. 51, p. 54, 19 dez. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=109276. Acesso em: 12 jan. 2026.

FON-FON! Capa. Rio de Janeiro, n. 3, 1943. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=109455. Acesso em: 12 jan. 2026.

WAACS Corpo Auxiliar Feminino do Exército. FON-FON! Rio de Janeiro, ano 1943, n. 3, p. 42-43, 16 jan. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=109482. Acesso em: 12 jan. 2026.

O CRUZEIRO. Voluntárias para o Brasil. Ano 1942, edição 00006. Capa de revista. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&id=1455705378534&pagfis=33302. Acesso: 13 jan. 2026.

O CRUZEIRO. O Brasil precisa de voluntárias! Ano 1942. Edição 00006. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&id=1455705378534&pagfis=33326. Acesso em: 13 jan. 2026.

O CRUZEIRO. TERESA, Maria. Por que as mulheres são diferentes?. Ano 1942, Edição 00041 Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&id=1455705378534&pagfis=34028. Acesso em: 13 jan. 2026.

O CRUZEIRO. TERESA, Maria. Por que as mulheres são diferentes?. Ano 1942, Edição 00043. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&id=1455705378534&pagfis=34149 . Acesso em: 13 jan. 2026.

O CRUZEIRO [Páginas com fotografias e anúncios publicitários]. Rio de Janeiro, 5 dez. 1942. Edição 00006, p. 36-37. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&id=1455705378534&pagfis=33336. Acesso em: 13 jan. 2026.

Livro, capítulos de livros, artigos científicos, dissertações, relatórios e digitais

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BORGES, V.; BELLAGAMBA, C. O turismo na cidade do Rio de Janeiro: História e Humor nas Revistas Ilustradas da década de 1920. **Revista Cenário**, Brasília, v.2, n.3, p. 30 – 46, 2014. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/18401?articlesBySimilarityPage=17. Acesso em: 21 nov. 2025.

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição Política do Império do Brasil.** Rio de Janeiro, 25 de março de 1824. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL, Eric.; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: Reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **ESTUDOS HISTÓRICOS**, Rio de Janeiro, v. 33, n.69, p. 196-219, 2020. DOI: http:dx.doi.org/10.1590/52178-14942020000100011.

DANTAS, Carolina Vieira. Fon Fon. CPDOC FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf. Acesso em: 27 out. de 2025.

DORNELLES, Clara Zeni Camargo. A INFLUÊNCIA DAS REVISTAS FEMININAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER. Revistas PUC-SP, c1997. Disponível em: file:///C:/Users/beber/Downloads/4090-Texto%20do%20artigo-9484-1-10-20101021%20(1).pdf. Acesso em: 06 de mar. de 2025

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FONSECA, Renan Reis. “Você será mobilizada(o)!”: gênero e trabalho na Segunda Guerra Mundial – Estados Unidos e Brasil. **Antíteses,** Londrina, v.12, n. 24, p. 517-542, jul./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n24p517.

Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. P. 207.

GUARNIERI, Dayane Cristina. A utilização do periódico como fonte histórica. **Associação Nacional dos Professores Universitários de História, (ANPUH)**, Pernambuco, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602121637_ARQUIVO_b74d0220b262051767b5b6caad921e76.pdf. Acesso em: 24 jan. 2026.

HAUBERT, Ana Caroline Tavares. Relações de interesse na revista O Cruzeiro: uma visão instrumentalista. **REVISTA TÓPICOS**. 2025. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/relacoes-de-interesse-na-revista-o-cruzeiro-uma-visao-instrumentalista. Acesso em: 26 nov. 2025.

KOCH, Ingedore Villaça. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 2004.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. A Imprensa como fonte: apontamentos teóricos-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **Revista de História Bilros,** Fortaleza, v. 4, n.6, p.11-29, 2016. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7604/6369. Acesso em: 21 out. 2025.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v.7, n.1, p.3-17, 2015.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. IMPRESSOS PERIÓDICOS E ESCRITA DA HISTÓRIA: NOTAS SOBRE O CENÁRIO ATUAL. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 185, n. 495, p. 193-205, 2024. DOI: https://doi.org/10.23927/revihgb.

MARIANI, Bethania. Discurso e instituição: A impressa. **Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos – Unicamp,** Campinas, n. 5, p. 47-61, 1999. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640651. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARQUES, Welisson. Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso Face aos Novos Suportes Midiáticos**. Revista Eletrônica de Linguística**, Uberlândia , v. 5, n. 1, p.58-73, 2011. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem. Acesso em: 06 fev. 2026.

MEYER, Marlise Regina. **Cruzeiro- Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista o cruzeiro (1955-1957).** Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2244. Acesso em: 24 nov. 2025.

MEYER, Marlise Regina. **Natureza e identidade nacional nas páginas da revista O Cruzeiro na década de 50**. In. Encontro Regional da ANPUH-MG, 18., 2012, Mariana. Anais [...]. Mariana: ANPUH-MG, 2012.

OLIVEIRA, Rosiska. Elogio da diferença: o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991. 150 p.

Os mitos da Segunda Guerra Mundial / François Kersaudy... [et al.]; organização de Jean Lopez e Oliver Wieviorka; tradução de Patrícia Reuillard. – São Paulo: Contexto, 2020. 240 p.

Perrot, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história / Michelle Perrot ; tradução Viviane Ribeiro, --Bauru, SP : EDUSC, 2005. 520 p.; 23 cm. -- (Coleção História)

Perrot, Michelle. Minha história das mulheres / Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Correa]. – 1.ed., 1ª reimpressão.- São Paulo : Contexto, 2008.

Perrot, Michelle. Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHO, José. B. Propaganda Institucional: usos e funções da propaganda em relações públicas. São Paulo: Summus, 1990.

PORTELA, Camila da Silva. Ler nas entrelinhas: A análise do discurso como ferramenta teórica e metodológica para a interpretação de documentos sensíveis. Revista Historiador, n.17, p. 181-194, 2024. Disponível em: https://revista hidtoriador.com.br. Acesso em: 06 fev. 2026.

RADTKE, Caren Aline Morsch. Cultura Política e Discurso Jornalístico: Uma possibilidade de estudo em história a partir da análise de jornais, **Revista Historiador,** Porto Alegre**,** n. 2, p. 244-252, 2009. Disponível em: http://www.historialivre.com/revistahistoriador. Acesso em: 06 fev. 2026.

RIBAS, Yasmim Carina Bastos; COELHO, Anna Ortiz Borges. A trajetória das mulheres ocidentais à vida pública. EDITORA da PUCRS, 2022. Disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/1422/assets/edicoes/2022/arquivos/5. pdf. Acesso em: 13 de mar. de 2025.

ROCHA, Suelen Regina Aguiar. A Construção dos sentidos no Gênero Editorial dos Jornais Impressos. **RIU: Repositório Institucional da UFAM**, Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013. Disponível em: http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/3377. Acesso em: 24 nov. 2025.

SCHEMES, Claudia; SCHNEIDER, Luana Priscila Ribeiro dos Santos. Lugar de mulher: As representações femininas nos periódicos brasileiros nos anos 1930. **ESTUDIOS HISTÓRICOS**. Uruguai, n.26, 2021. Disponível em: https://estudioshistoricos.org/26/eh2609.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

SOUZA, Janaína de Oliveira. A face feminina da segunda guerra mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do terceiro reich (2012), A Batalha de Sevastopol (2015) e As espiãs de Churchill (2019). Monografia (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, p. 80. 2022.

35. VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. CRUZEIRO,O. CPDOC FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20(DHBB).pdf. Acesso em: 27 out. de 2025.

VIEIRA, M.; Lima, W.; MATTOS, M.; RÊGO, R. A MULHER SERGIPANA NA 2ª GUERRA MUNDIAL. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 34, p. 223-234.

ZANETTI, Euler Fabres. Os periódicos Revista da Semana e Fon-Fon: narrativas sobre os aniversários da abolição na Primeira República. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE, 12., 2025, Florianópolis. Anais [...], p.1-15. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2025. Disponível em: https://www.escravidaoeliberdade2025.eventos.dype.com.br/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9UUkFCQUxIT1wiOlwiMTk0XCJ9IiwiaCI6ImI2NGRmMWE5YzM5NWI5MjA2ZjY1MDJlMzIyMTg0NjIyIn0%3D. Acesso em: 19 nov. 2025

ZANON, Maria Cecilia. A SOCIEDADE CARIOCA DA BELLE ÉPOQUE NAS PÁGINAS DO FON-FON!. **Patrimônio e Memória,** São Paulo, v.4, n.2, p. 217-235, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/cb12726b-b273-47bb-8fb6-366ab592270e/content. Acesso em: 24 nov. 2025.